

A Lua gira e devemos girar com ela: Te Maramataka como instalação de arte interativa

DOI Number

10.24135/link.2021.v2i1.162.g227

Colaborações interculturais entre Te Ao Māori e Te Ao Pākehā são notoriamente difíceis para todos os envolvidos. O que o conhecimento é e não é, quem ou o que tem ação no mundo, como e quando as coisas acontecem e a natureza dos próprios relacionamentos estão situados em diferentes visões de mundo culturalmente informadas. Tentar fazer um repositório de conhecimento sobre Te Maramataka (calendário lunar) por meio de uma arte interativa imersiva significa envolver-se com duas estruturas de conhecimento distintamente diferentes, mas igualmente válidas, e sua metafísica fundamental associada. Navegar entre e através dessas estruturas de conhecimento é participar de abordagens especulativas e baseadas na prática, que promovem fenômenos emergentes relacionalmente. É por meio da colaboração no hífen intercultural que entramos deliberadamente no espaço da inovação, ao mesmo tempo que tentamos estar atentos à preservação do mana dos especialistas existentes. No momento, representamos uma parceria entre Te Rūnanga o Kirikiriroa e Wintec rangahau e profissionais de pesquisa em artes criativas, cada um com suas próprias responsabilidades informadas institucionalmente. Ao nos reconhecermos como um rōpū (grupo) coletivo que embarca em um empreendimento compartilhado, podemos enfatizar o processo de aprendizado sobre nosso whanaungatanga compartilhado (relacionamentos interconectados), a fim de

buscar acordos mutuamente aceitáveis baseados no útil. Esta ênfase no processo é crítica e deve levar seu próprio tempo, especialmente quando Te Maramataka enfatiza as influências das fases da Lua girando em nós mesmos, bem como em tudo o mais que também já está acontecendo. Reconhecer esta relacionalidade entre as coisas significa admitir que o conhecimento, em si, é experiencial, corporificado e performativo: como “chegamos lá” é parte do próprio destino “lá”. No contexto de decidir quais tecnologias digitais empregar na confecção de uma instalação de arte interativa, os entendimentos contemporâneos do que é arte, como o significado é feito e compreendido e quem ou o que tem agência dentro do campo de relações circundante, são desestabilizados. Em nosso empreendimento conduzido pela prática, girar com a Lua significa reconhecer as tensões dinâmicas que existem entre tradição com inovação, representação com aprendizagem experiencial e o cognoscível com o oculto, misterioso e, em última análise, incognoscível. Quer estejamos falando sobre reivindicações baseadas em regras de indicialidade vis-à-vis gêmeos digitais informados por estruturas cognitivistas de lógicas operacionais ou paradigmas de reconhecimento de padrões / IA abertos sem estado, estes devem ser equilibrados com o conhecimento existente de especialistas em Maramataka Maori e seu conhecimento vivo e incorporado.